



## **GT 59. Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos, diferenças e direitos**

### **Coordenador(es):**

Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

### **Sessão 2 - Povos indígenas, arqueologia e violências**

**Debatedor/a:** Priscila Lini (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores/as que tenham pesquisa sobre os novos contextos ou cenários de mobilidade dos povos indígenas, entre aldeias, entre fronteiras, ou mesmo para centros urbanos, realidades às vezes produzidas por deslocamentos forçados motivados por grandes empreendimentos, ou histórias de expulsão de seus territórios tradicionais e as tentativas de retorno na atualidade. Conforme dados do (IBGE - 2010) ao redor de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, enquanto outra parte vive em áreas de conflito, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares, na maioria dos casos, em contextos de extrema violência. A mobilidade indígena muitas vezes é forma de resistência a múltiplas formas de violências: territoriais, culturais, políticas, de gênero, dentre outras, às quais os levam a intensa movimentação política com novas posições frente a um Estado usurpador de direitos, ao mesmo tempo em que procuram ocupar novos espaços políticos, como universidades e agências do próprio governo. Assim, este GT pretende reunir pesquisadores/as com afinidade na temática indígena e áreas afins que tragam contribuição para esse debate.

### **Do esparramo ao retorno dos parentes: conexões entre a manutenção de vínculos na diáspora e as dinâmicas de mobilização entre os Tupinambá da Serra do Padeiro, Bahia**

**Autoria:** Daniela Fernandes Alarcon (Museu Nacional)

Desde 2004, os Tupinambá da aldeia Serra do Padeiro, sul da Bahia, vêm realizando ações de recuperação territorial conhecidas como retomadas de terras. Esta comunicação se debruça sobre uma dimensão crucial do fenômeno: o retorno dos parentes, isto é, o processo de reversão da diáspora ocorrida no quadro do esbulho. Com o avanço de não indígenas sobre o território tupinambá, sobretudo a partir de fins do século 19, ainda que numerosos indígenas tenham permanecido na área, resistindo em posses diminutas, muitos passaram a viver e trabalhar em fazendas e cidades da região ou se deslocaram para outros estados. Um censo que realizei em 2016 mostrou que cerca de 60% dos moradores da aldeia à época passaram pela diáspora, experiência vivida por indígenas de todos os troncos familiares, de diferentes faixas etárias e gêneros. Com a intensificação da recuperação territorial, muitos regressaram à aldeia, engajando-se na ação direta. Com base em reconstituições de trajetórias, argumentarei que, apesar de a saída da aldeia comportar descontinuidade e trauma, tratar do fenômeno colocando toda a ênfase na ruptura seria um equívoco. A pesquisa identificou uma tendência bem delineada de manutenção de vínculos de parentesco e territorialidade, que contribuiu para a sustentação do grupo étnico ao longo do tempo e constituiu condição básica para a reversão da diáspora. Na comunicação, apresentarei alguns dispositivos que atuaram para conectar dentro e fora, associados a movimentos diaspóricos pendulares, visitas, e circulação de cuidados, objetos e valores. Discutirei também como esses dispositivos se inscrevem em um horizonte de comunicação à distância com parentes e com o território, expresso na possibilidade de se mover durante o sono e de ir e vir do mundo dos mortos, entre outras ações mediadas pelos encantados, entidades centrais na cosmologia



do grupo. As narrativas sobre a diáspora formuladas por meus interlocutores não descreviam ?caminhos sem volta?, mas acidentados itinerários que, em muitos casos, conduziam às retomadas de terras. Focalizando a recuperação territorial em curso, discutirei as dinâmicas de mobilização que têm precipitado, concretizado e sustentado retornos de parentes. Ao abordar as interações mobilizadoras entre indígenas na aldeia e parentes na diáspora, chamarei atenção para a atuação de vivos, mortos e encantados. Argumentarei que, apesar de marcada por uma tendência de retorno dos parentes, a Serra do Padeiro segue atravessada por idas e vindas incessantes. Esse aspecto faz com que se dirijam esforços cotidianos para garantir a permanência dos parentes e seu engajamento na luta, como parte do processo mais amplo de mobilização.

[Trabalho completo](#)



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: